



ENTRE MALAS E VACINAS: O LIRISMO ITINERANTE DE CECÍLIA MEIRELES

Kelen Benfenatti Paiva¹

Viajar para mim nunca foi turismo [...].
Viagem é alongamento de horizonte humano.
Cecília Meireles

A epígrafe que fornece o ponto de partida para esta reflexão se encontra em uma entrevista dada por Cecília Meireles à Revista *Manchete*, em 1964. Nesta, a autora declara seu fascínio pelas viagens, o que certamente é evidenciado pelas informações biográficas, cerca de sessenta cidades visitadas em diferentes países e continentes, além da presença do tema em sua obra, desde o título de um dos mais importantes livros de sua trajetória literária *Viagem* até a frequência da temática em seus versos, crônicas e nas cartas que escreveu a amigos e familiares.

Em suas crônicas estão representadas não só as paisagens observadas durante as diversas viagens, mas os tipos humanos das mais variadas culturas, além de situações vividas, imaginadas e de reflexões em prosa poética. Pode-se dizer que as viagens na obra de Cecília Meireles se dão sob duas perspectivas: uma de dimensão geográfica em que serão descritas as entre outras as cidades européias, americanas, latino-americanas e as indianas; outra de dimensão metafórica, em que o eu lírico, a narradora ou a personagem criada realiza uma infinita viagem de autoconhecimento.

As crônicas de viagem ocupam hoje três volumes extensos na obra de Cecília, com o título de *Crônicas de viagem I, II e III*, compostos de textos publicados inicialmente em vários jornais como *Jornal de notícias*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *A Manhã*, *A Noite*, *Folha Carioca*, *O Diário de notícia*, entre outros.

Em uma dessas crônicas, Cecília irá apontar para as diferenças entre o turista e o viajante. Tendo Roma como pano de fundo, a autora escreve:

Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada [...]

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas do passado, do presente e até do futuro – um futuro que ele nem conhecerá.²

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. benfenatti@bol.com.br.

² MEIRELES, Cecília. *Melhores crônicas*: Cecília Meireles. 1 ed. São Paulo: Global, 2003, p. 256.



Observando o conjunto de crônicas de viagem produzido por Cecília Meireles, é possível afirmar que o desejo de “morar em cada coisa” evidencia que no caso da autora, trata-se de uma viajante de olhar sensível e atento, como se observa na abertura da crônica “Rumo: Sul”: “Em que penso? Penso que daqui a dois ou três dias deixarei estes lugares e começo a ter saudades de tudo – dias calçadas, das lojas, das janelas, dos pombos que voam sobre os plátanos desfolhados, da catedral, das águas azuis do rio, [...] e desta gente com quem me entendo divinamente.”³

Pormenores ganham destaque nas crônicas e a cronista retrata paisagens que ganham vida e têm histórias próprias, pessoas e culturas distintas como em “Oriente-Occidente”:

A Índia é toda fluida: os palácios, os templos, os monumentos são rendados, embrechados, o céu com o Sol e a lua e as estrelas atravessam esses pórticos, andam por esses salões, mesmo quando estejam fechados... Roma, embora transborde dos antigos muros, conserva aquelas paredes que lhe dão majestade, grandeza, mas também uma austera impenetrabilidade.

Na Índia, a multidão que passa, com as roupas despregadas ao ritmo do andar; com a lua atravessando panos mil cores, é também fluida: e os penteados enfeitados de flores, e os adereços de ouro, prata ou vidro que escorregam pelos braços, oscilam nas orelhas, deslizam pelo pescoço e pela testa, palpitam com aquelas vidas frágeis a que pertencem, estão sempre como em despedida, estão sempre dizendo adeus.

Em Roma, o povo é sólido, maciço, de uma beleza de estatuária. Nas ruas, seus movimentos são bruscos, decididos, energéticos. As próprias fazendas de suas roupas são encorpadas, sem as incertezas e as fugas das musselinas.⁴

As culturas dos povos aparecem descritas pela autora em detalhes como as vestimentas e a associação entre o modo de ser, de se portar e se vestir é imagetivamente retratada pelo olhar da cronista mulher que vai além de narrar o que vê, conta o que sente. Medita sobre os costumes, sobre a cultura ocidental em que ela própria se insere sob uma perspectiva crítica, reflexiva e consciente. Parece que tal atitude faz parte de seu projeto enquanto viajante, como deixa registrado em outra crônica:

Porque viajar e ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível em toda a sua profundidade também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física – mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma outra forma de meditar.⁵

O envolvimento afetivo, a atenção aos detalhes, a participação das coisas, dos fatos, de vidas são a receita da cronista para ler o mundo. A autora se propõe a um tipo específico de leitura, o ato que Barthes⁶ nomeou de “ler levantando a cabeça”, ler, meditar e produzir seu próprio “texto” a partir dessa leitura. É o que a autora faz, lê os diferentes espaços físicos visitados no Brasil e no exterior, medita sobre as diferentes culturas e pessoas e escreve em prosa e versos suas impressões de leitura.

³ MEIRELES, Cecília. *Melhores crônicas*: Cecília Meireles. 1 ed. São Paulo: Global, 2003, p. 173.

⁴ MEIRELES, Cecília. *Melhores crônicas*: Cecília Meireles. 1 ed. São Paulo: Global, 2003, p. 233.

⁵ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 269.

⁶ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



Nessa leitura e escrita do mundo, a autora vale-se de sua capacidade de observação em que não lhe escapa a veia estética de escritora, buriladora de palavras, pintora de imagens em versos e em prosa. Exemplar dessa leitura é o que Margarida Maia Gouveia em seu artigo “As viagens de Cecília”⁷ chama de “estética da paisagem aérea”, impressões de lugares visitados registrados da janela do avião nas crônicas de Cecília: “Não é o continente africano: é o país das nuvens. Cidades de nuvens levantam aqui os seus palácios barrocos. Aldeias de nuvens alastram por aqui suas choças. Montanhas de nuvens contornam todo esse imponente panorama. Rios de nuvens fluem, espumantes, vertiginosos, atravessando este país fantástico.”⁸

A percepção da poeta atravessa suas palavras na crônica em destaque e o que temos é um texto poético capaz de criar aos olhos do leitor uma imagem onírica. O que, de certa forma, vai ao encontro de sua concepção de viagem como uma “outra forma de meditar”. E é como meditação que se configura a segunda dimensão da viagem presente na obra da autora: a viagem metafórica. Nesse sentido, é rica de exemplos sua produção em versos.

Em muitos versos a viagem é tomada metaforicamente e se torna símbolo da própria vida, da reflexão sobre a existência, das inquietações de estar no mundo, como no poema “Noções” em que a poeta escreve:

Entre mim e mim, há vastidões bastantes
Para a navegação dos meus desejos aflijidos.

Descem pela água minhas naves revestidas de espelhos.
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que a atinge.

Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza,
Só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram.

Virei-me sobre a minha própria existência, e contemplei-a
Minha virtude era esta errância por mares contraditórios,
E este abandono para além da felicidade e da beleza.

Ó meu Deus, isto é a minha alma:
Qualquer coisa que flutua sobre este corpo efêmero e precário,
Como o vento largo do oceano sobre a areia passiva e inúmera...⁹

A viagem torna-se então a própria meditação, a existência marcada pelo mistério será retratada pelas imagens marítimas e a metáfora do mar ganha entornos visíveis em sua poética exprimindo a própria vida. Conhecer a si mesmo é, nesse sentido, uma eterna e constante viagem por lugares inóspitos, desconhecidos, por “mares contraditórios”.

⁷GOUVÊA, Leila V. B. (org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007, p. 111-128.

⁸MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 267.

⁹MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. P.140.



A experiência da viagem reforça uma das características da obra de Cecília Meireles, a presença do movimento, do deslocamento seja pelo levar das ondas, dos ventos ou da imaginação.

O desejo de mover-se é evidenciado nos versos do poema:

Um poeta é sempre irmão do vento e da água:
Deixa seu ritmo por onde passa.

Venho de longe e vou para longe:
mas procurei pelo chão o sinal do meu caminho
e não vi nada porque as ervas cresceram e as serpentes andaram.
Também procurei no céu a indicação de uma trajetória,
Mas houve sempre muitas nuvens.
E suicidaram-se os operários de Babel.¹⁰

Ou ainda nos versos de “Canção da alta noite” em que o eu lírico declara:

*Andar, andar, que um poeta
Não necessita de casa.
[...]
Porque o poeta, indiferente,
Anda por andar – somente.
Não necessita de nada.¹¹*

A necessidade de estar em movimento aparece também em dados biográficos registrados nas cartas da autora. Sobre sua correspondência, em sua quase totalidade ainda desconhecida de seus leitores, destaca-se sobre o tema as cartas que escreveu à amiga Henriqueta Lisboa¹², também poeta, e aquelas que enviou às suas filhas Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda nas ocasiões de suas viagens.¹³

A Henriqueta Lisboa escreve sobre várias de suas mudanças e sobre as dificuldades de conciliar a administração da casa e os papéis sociais atribuídos à mulher e o exercício de uma intelectualidade ativa, exigida pelo papel de escritora. Em 9 de julho de 1946, Cecília escreve:

[...] não vejo outra solução para o problema, a não ser mudar-me outra vez. Mas para onde? E ficarei com aquela fama que o Mário Quintana já explorou num poema recente. A casa de Cecília – que é sempre noutra lugar... E é mesmo! Apenas eu queria que ela fosse assim móvel, mas sobre o mar. Então não me queixaria. Mas os ares da terra são tristes.

A mobilidade proporcionada pela imagem do mar e uma casa flutuante corroboram a ideia de liberdade tão cantada em versos e discutida em prosa pela autora em sua obra. A partir de sua correspondência é possível apreendermos o olhar lírico de Cecília em suas viagens, bem como refletir sobre a importância dessas experiências como material para sua criação epistolar e literária.

¹⁰ MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

¹¹ MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

¹² A correspondência de Cecília Meireles à poeta se encontra no Acervo de Escritores Mineiros, na Universidade Federal de Minas Gerais, nos arquivos pessoais de Henriqueta Lisboa.

¹³ MORAES, Marcos Antonio de. (org.) *Três Marias de Cecília*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2006.



Nesse sentido, vale lembrar ainda outro trecho da carta de 9 de julho de 1946 a Henriqueta, em Belo Horizonte, em que Cecília escreve sobre o convite da amiga de ambas, a chilena Gabriela Mistral: “E nessa bela expectativa, eis que Gabriela me escreve, sugerindo-me ir à Califórnia [...] Não sei se isso será mais que um sonho. E há dois anos que não viajo, e V. não sabe o que é estar parada num lugar a criatura que nasceu para se mover...”

A autora se define como uma “criatura que nasceu para se mover” e prossegue declarando na carta seu “ímpeto permanente, feito de descontínuos ímpetos emendados, para fazer malas, fechar portas, ir por aí afora, na companhia de estrelas e águas.” “Ir por aí afora” é o que fez Cecília em suas longas viagens que se iniciam em 1934, quando aceita o convite do governo português para realizar conferências sobre Literatura Brasileira e prossegue em várias viagens a diferentes lugares como México, Argentina, Uruguai, Índia, Goa, Espanha, Bélgica, Holanda, França, Itália, Açores, Porto Rico, Israel, Grécia e Peru.

Assumidamente viajante, a autora em tom descontraído já escrevia na carta de 14 de novembro de 1944: “Um abraço, Henriqueta e até a próxima carta. Desta sua amiga que gostaria de assinar ‘Marco Polo’, mas é apenas a sua, muito carinhosamente, Cecília”.

A evocação da figura de Marco Polo é sugestiva se pensarmos que, a maneira do viajante, Cecília fez de suas viagens matéria para sua “narrativa”. No caso da autora, observa-se um desdobramento desse contar histórias no que poderíamos nomear “crônicas de viagem”, “poemas de viagem” e “cartas de viagem”. Experiências vividas e imaginadas, lugares vistos, pessoas observadas ou criadas ganham vida em seu discurso literário. Seu olhar de cronista atenta é envolto na percepção da poeta e o lirismo de seus versos contagiam sua prosa.

Sua prática literária, mesmo quando a autora declara estar escrevendo textos sem pretensões estéticas, deixa vestígios em sua escrita. Nas cartas que escreveu às filhas durante suas viagens, ela afirma: “Esta pena não tem vocação literária”, entretanto, o que se observa é uma linguagem afetuosa usada para contar histórias, descrever lugares visitados, pessoas e culturas diferentes. Exemplar desse trabalho com a linguagem é um interessante cartão postal enviado de Austin por Cecília às suas filhas. Trata-se de um cartão diferente dos padrões convencionais, é “um cartão de correspondência para pessoas ocupadas – Tempo é dinheiro – Assinale os itens desejados”:



Drop Me a Line C-1172

DATE <i>9. Junho</i> PLACE <i>ALASKA...</i> DEAR Old thing Papa <input type="checkbox"/> Mama <input type="checkbox"/> Boys <input type="checkbox"/> Girls <input checked="" type="checkbox"/> Wife <input type="checkbox"/> Husband <input type="checkbox"/> Sweetie <input type="checkbox"/> Friend <input type="checkbox"/> Folks <input type="checkbox"/> HOW GOES IT? I AM Fine <input type="checkbox"/> Pining for you <input checked="" type="checkbox"/> Sad <input type="checkbox"/> Broke <input type="checkbox"/> Lonesome <input type="checkbox"/> Well <input checked="" type="checkbox"/> I NEED You <input checked="" type="checkbox"/> Kisses <input checked="" type="checkbox"/> Sleep <input checked="" type="checkbox"/> Money <input checked="" type="checkbox"/> More time <input checked="" type="checkbox"/> Someone to love me <input checked="" type="checkbox"/> Sympathy <input checked="" type="checkbox"/>		HOPE YOU ARE Keeping out of mischief <input checked="" type="checkbox"/> Thinking of me <input checked="" type="checkbox"/> Well <input checked="" type="checkbox"/> Better <input type="checkbox"/> Still true to me <input type="checkbox"/> Behaving yourself <input type="checkbox"/> THE PLACE IS Hot <input checked="" type="checkbox"/> Cold <input type="checkbox"/> Wonderful <input checked="" type="checkbox"/> The bunk <input type="checkbox"/> All wet <input type="checkbox"/> DON'T Forget me <input checked="" type="checkbox"/> Forget to write <input checked="" type="checkbox"/> Work too hard <input checked="" type="checkbox"/> Get pinched <input type="checkbox"/> HOPE TO SEE YOU Soon <input checked="" type="checkbox"/> Later <input type="checkbox"/> In the sweet by and by <input checked="" type="checkbox"/> YOURS <i>Cecília</i> NAME <i>Cecília</i>
I DO LOTS OF Hiking <input type="checkbox"/> Petting <input type="checkbox"/> Fishing <input type="checkbox"/> Sightseeing <input type="checkbox"/> Thinking of you <input checked="" type="checkbox"/> Making whoopee <input type="checkbox"/> Golfing <input type="checkbox"/> Sleeping <input type="checkbox"/> Work <input checked="" type="checkbox"/> Dancing <input type="checkbox"/> Loafing <input type="checkbox"/> Bathing <input type="checkbox"/> Celebrating <input type="checkbox"/> Bumming around <input type="checkbox"/> Business <input type="checkbox"/> Eating <input type="checkbox"/>		I HAVE SEEN Races <input type="checkbox"/> Shows <input type="checkbox"/> Night clubs <input type="checkbox"/> Everything <input type="checkbox"/> Good looking girls <input type="checkbox"/> Good looking men <input type="checkbox"/> <i>Street School and other</i>

Person's Correspondence Card — Time is Money — Check Items Desired © C. T. & CO.

Além da configuração diferenciada do cartão, em que a mãe marca as palavras que deseja enviar às filhas, no verso, Cecília escreve:

Este cow-boy das arábias
 leva às três meninas sábias
 muitas saudades e festas
 da mamãe, pedindo que estas
 (as três acima citadas)
 não fiquem assim caladas
 e, lendo este postalzinho,
 todo cheio de carinho,
 me mandem daí um abraço
 como o cow-boy manda o laço!
 Às três meninas galantes: Xanduca, Matucha e Viruchantes!!!¹⁴

Com uma linguagem marcada pela afetividade, a autora constrói um discurso com ritmo e lirismo tão peculiar aos seus poemas. Além disso, estabelece um diálogo entre o texto verbal e o visual do cartão, criando uma relação intratextual no diálogo com as filhas.

Marcos Antonio de Moraes, na apresentação dessa correspondência, destaca o caráter híbrido do texto epistolar:

¹⁴ MORAES, Marcos Antonio de. (org.) *Três Marias de Cecília*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2006, p.38 .



Reside exatamente aí, na conjunção de elementos discursivos da carta íntima, da crônica, da voz poética, a alquimia verbal das cartas de Cecília viajante que compõem este livro. O lúdico dá o tom das cartas. A brincadeira impregna, antes de mais nada, os nomes das meninas: “Xanduca [Maria Fernanda], Matucha [Maria Mathilde] e Viruchantes [Maria Elvira] [...]”.¹⁵

O que o autor chama de “alquimia verbal” pode ser percebida em outras cartas da mãe às filhas. Na carta de 2 de agosto de 1940, em sua viagem ao México e retorno aos Estados Unidos, o discurso se aproxima de uma crônica, gênero praticado com maestria pela escritora nos anos em que se dedicou a escrever para os jornais. Aos moldes das antigas crônicas de moda e de comportamento, a autora registra, com ironia e crítica, as mulheres americanas:

O trem veio descendo daquelas alturas de 2.000m. por onde andávamos sempre pulando do trilho[...] Dentro vinha uma fauna horrível, pq. as americanas turistas são o animal mais medonho q. Deus inventou, depois das baratas.

No México, a prata que Cortés deixou é muito barata, e vendem-se jóias toscas muito bonitas. Mas as diabas das americanas, q. são um monumento de mau gosto, só querem o maio, *the best*. São tão burras q. dão pena e raiva, ao mesmo tempo.

E o trem vinha cheio desse carnaval, de umas mulheres de meterem medo até ao seu “Maximiliano”, todas cobertas de jóias q. pareciam latas de compota.¹⁶

As críticas de Cecília Meireles às mulheres americanas ultrapassam os limites da moda, dizem respeito à cultura capitalista de uma nação como se evidencia em outra carta escrita em Nova Iorque, dias depois:

Depois de muitas voltas, passamos pela 5ª Avenue, que é a mais famosa rua de elegâncias, em N.Y. – há mais vitrines com peles, peles, peles, jóias do tamanho dos arranha-céus e muita gente feia – as mais feias criaturas humanas estão por estes lados. Por melhores roupas que tenham, por mais dinheiro, enfim, que possua, esta gente é fundamentalmente horrível – precisamente porque, além do dinheiro, creio que não pensam em mais nada – e é o pensamento que dá beleza, e é o dinheiro que corrompe tudo.

De modo que tudo aqui caminha com passo de animal ambicioso, para ganhar mais, para subir, etc. [...].

O olhar feminino, contrariando um discurso recorrente nas primeiras décadas do século XX, não se restringe à observação de assuntos amenos, triviais, sentimentais ou pouco importantes e sérios. A moda é vista pela autora como significante registro de questões culturais e possibilita a discussão e o seu posicionamento questionador e crítico. Nesse sentido, a moda carrega em si os modos de agir ligados à história dos povos, como bem descrevera a autora na crônica “Oriente-Occidente” em que compara o modo de se vestir e de ser dos homens e mulheres na Índia e em Roma.

A leitura dessa correspondência íntima e familiar revela a mãe que sentia saudades das filhas, a escritora e seu trabalho árduo de escrita, preparando conferências sobre literatura, a viajante atenta às pequenas coisas do caminho, o olhar de alguém que era capaz de enxergar poesia nas coisas mais inóspitas.

¹⁵ MORAES, Marcos Antonio de. (org.) *Três Marias de Cecília*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2006, p.21.

¹⁶ MORAES, Marcos Antonio de. (org.) *Três Marias de Cecília*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2006, p.63.



De forma semelhante será a importância da correspondência endereçada à amiga Henriqueta Lisboa, na qual se observa a inquietação de uma mulher que registrou em versos e em prosa a inquietude gerada pela difícil tarefa de viver e conviver, pela fugacidade da vida e do tempo, pela presença da dor e da morte, pela dificuldade em conciliar as atribuições domésticas e o ofício de escritora. As cartas de Cecília registram mais que informações biográficas ou circunstanciais, revelam elementos que ampliam os horizontes de leitura de uma obra multifacetada

Assim, é possível supor que a correspondência de Cecília Meireles que até o presente momento ainda se encontra em sua quase totalidade inédita, guardada em caixas lacradas, trará a luz informações importantes sobre a vida e a obra da autora. Se nos fragmentos aqui destacados já é possível vislumbrar a importância de tais documentos dotados da “alquimia” verbal e de gênero textual, a correspondência trocada com intelectuais, amigos e familiares certamente guarda elementos que permitirá novas perspectivas de leitura sobre sua obra. Afinal, Cecília Meireles ao falar de si, de suas experiências, de suas viagens, foi muito além do registro de situações circunstanciais, deu vez e voz à mulher, poeta, intelectual, cronista atenta aos detalhes e ao poder transformador e criador das palavras e por onde andou, diferentes textos, lugares, culturas, deixou vestígios de seu lirismo itinerante.

. Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GOUVÊA, Leila V. B. (org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007, p. 111-128.
- MEIRELES, Cecília. *Melhores crônicas*: Cecília Meireles. 1 ed. São Paulo: Global, 2003.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MORAES, Marcos Antonio de. (org.) *Três Marias de Cecília*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2006.